

# Populismo vs. Pós-democracia

No meio, a democracia luta por espaço.

POR **John O'Sullivan**

TRADUÇÃO **Maria Cortesão Monteiro** | Uma versão inicial deste artigo foi publicada em *The Spectator*, Londres, 31 de Dezembro de 2016

“Há um espectro que assombra a Europa”, grita uma manchete num recente número especial do *Journal of Democracy* (uma sóbria publicação editada pelo *National Endowment for Democracy* americano) que analisa a ascensão dos partidos políticos à esquerda e à direita do mainstream europeu. Os europeus ficam normalmente ou alarmados ou desconfiados com a preocupação americana com o destino da democracia, mas, desta vez, a opinião liberal em ambos os lados da “Lagoa” ecoa em unísono: o populismo é uma ameaça à democracia.

A abordagem do *Journal* é mais variada e subtil que isso. É também um útil compêndio de todos os partidos, políticas e histórias que podem ser incluídas no vasto baú do populismo. Um artigo principal, de Takis S. Pappas, um teórico político grego residente na Hungria, lista 22 partidos diferentes a que ele cautelosamente chama “desafiadores da democracia liberal”. O autor divide-os em três categorias: anti-democratas, ativistas e populistas. (Todos são comumente denominados de populistas nos meios de comunicação europeus e americanos). Ele enumera, de uma forma muito útil (e para minha ligeira surpresa), que sete destes partidos ganharam poder em coligação, outros quatro sozinhos, e que todos menos os anti-democratas estão ou “isolados em oposição” ou “extintos” (o BNP).

Apesar destes “desafios”, a democracia liberal sobrevive nos países em questão. Isso pode dever-se ao facto de o Professor Pappas lançar uma rede ampla. Ao lado do socialista Pasok, que governou a Grécia durante 22 anos e deixou a democracia ainda como um sistema de favores mútuos ao entregá-la ao Syriza (também incluído), ele refere o UKIP, o maior partido da oposição italiana fundado por Berlusconi, e os partidos que actualmente governam na Hungria e Polónia como “populistas” quando pelo menos alguns deles são mais partidos que sustentam uma visão tradicional conservadora e/ou governados por políticos carismáticos como Viktor Orban.

Ele argumenta também, algo paradoxalmente, que, das suas três categorias, os populistas

podem colocar o maior desafio à democracia precisamente porque a apoiam (de facto, o seu apoio pode ser excessivo e cru), e por isso ganham votos de intenção democrática. Uma vez eleitos, no entanto, podem tentar ultrapassar restrições constitucionais ao seu poder. Ele explica isto da seguinte forma: “Os partidos populistas aceitam a democracia mas não o liberalismo. Liberalismo sem democracia não é uma combinação encontrada actualmente nas políticas reais”.

Como a segunda frase revela, a rede do Professor Pappas, embora densa, deixa escapar alguns grandes peixes. Porque o grande assunto não-discutido da democracia moderna é que liberalismo sem democracia é o sistema de governo para o qual o Ocidente tem caminhado continuamente há uma ou mais gerações. Tem havido uma crescente mudança de poder de corpos eleitos e responsabilizáveis como o Parlamento, para agências democráticas semi-independentes que fazem as suas próprias leis (denominadas regulamentos), para os tribunais, e mais recentemente para corpos europeus e outros transnacionais.

Isso foi possível porque elites liberais progressistas no topo dos principais partidos políticos acompanharam esta mudança de poder, que também as ajudou a ignorar ou anular os aparentes desejos dos votantes. Fizeram-no através do simples expediente de não os discutirem – de os manterem fora da política. A imigração e a “Europa” são exemplos disto. Ao longo do tempo as maiorias deixaram de ser decisores dominantes numa política democrática, e tornaram-se um mero jogador no sistema. A democracia maioritária tornou-se assim num sistema que John Fonte, do *Hudson Institute*, denomina de pós-democracia, na qual as elites e as instituições que controlam exercem cada vez mais poder que os votantes e seus representantes no parlamento ou congresso.

Aqui está a minha teoria sobre isso — uma versão verbal de um desses diagramas, agora tão populares nas ciências sociais. (Seria um

útil presente de aniversário para adolescentes inteligentes). No extremo esquerdo do espectro coloquem a pós-democracia; no extremo direito, populismo; no centro, a democracia maioritária simples. Os constrangimentos liberais nas maiorias democráticas aumentam em número e importância à medida que nos aproximamos da pós-democracia; e diminuem igualmente à medida que nos aproximamos do populismo. Mas quanto mais o poder tiver mudado para as instituições liberais, e mais fracas as democracias maioritárias se tornarem a nível constitucional, mais provável é que o populismo exija a remoção dos constrangimentos constitucionais à vontade das pessoas, como o Professor Pappas adverte certamente.

Por outro lado, quanto mais a regra da maioria permanecer a força condutora da democracia, mais o populismo será absorvido no debate democrático tradicional e sujeito às suas convenções.

“Em suma,” como o cientista político holandês, Cas Mudde, apontou há alguns anos, “o populismo é uma resposta democrática iliberal ao liberalismo não democrático. Critica a exclusão pelas elites de assuntos importantes da agenda política, e apela à sua re-politização.” E os surtos populistas na Europa são o resultado. A resposta não é reprimi-los, mas discutir as questões com as quais os seus eleitores estão preocupados.

O referendo do Brexit foi, pelo referendo, retirado das mãos dos populistas e colocado nas mãos do parlamento, com o pedido de ser concretizado de forma mais sensata. Isso vai – ou devia – agora ser feito dentro das regras da democracia liberal mas maioritária. Os casos que desafiam o Brexit perante os tribunais são exemplos quase perfeitos de pós-democracia, na qual elites poderosas usam instituições não-responsabilizáveis e regulações (por vezes razoáveis) para inverter decisões maioritárias. São também um grito primordial das elites na lei, negócios e política que acabaram de perder não apenas perspectivas de avanço, mas também a perda de algo mais profundo expresso em mais gritos primordiais contra democracia e a prole. ■